

Amedeo Cencini

Abraçar
O FUTURO
com esperança

O amanhã da vida consagrada



PREFÁCIO

O tema desta reflexão não tem necessidade particular de explicação; o título e o subtítulo já dizem com suficiente clareza o sujeito que reflete (= a vida consagrada), o problema sobre o qual reflete (= o seu futuro) e as alternativas diante dele (= medo ou esperança).

Enfrentarei a temática do modo mais propositivo possível.

De forma essencial e esquemática, indicarei num primeiro breve capítulo – e proporei no segundo, explicitando o que isso significa na prática – o significado de uma atitude profética com respeito à vida consagrada e ao seu futuro. Nos capítulos 3, 4 e 5 procurarei mostrar alguns caminhos praticáveis – três, para ser preciso – nos quais futuro é sobretudo qualidade da vida, mais do que quantidade dos seus dias. Se é verdade, como diz o Papa Francisco, que o tempo é superior ao espaço, a abertura ao futuro não se dá automaticamente, ou por um espontâneo cálculo aritmético dos dias que se sucedem um ao outro, mas só graças à qualidade da vida e do vivido. O capítulo final buscará assinalar algumas orientações pedagógicas que de modo concreto nos ajudem verdadeiramente a caminhar rumo ao futuro.

Nunca, como nestes tempos, a vida consagrada se viu refletindo sobre os seus tempos, o seu modo de se colocar diante do passar do tempo, pondo-se a enfrentar interrogações e considerações que ainda não tinham aflorado, com tanta dramaticidade assim, na sua consciência:

Teremos ainda futuro? Os nossos institutos sobreviverão a esta onda de secularismo dominante? Se esta tendência vocacional continuar, o problema não será se teremos futuro, mas, simplesmente, quanto tempo ainda temos de vida, e a preocupação será, então – no máximo –, a de morrer de maneira digna...

Por outro lado, como bem sabemos e como nos recorda a psicologia, a pessoa madura é exatamente aquela que sabe conjugar corretamente os seus tempos, aceitando realisticamente o passado, vivendo com empenho o presente e indo com confiança ao encontro do futuro, sem nostalgias nem fugas para adiante, sem repressões ou idealizações, além do medo e da depressão, das retiradas e das desmobilizações. É preciso, ainda, aprender a conjugar bem os tempos da nossa vida, da vida dos nossos institutos, da vida consagrada mesma. Ou buscar e encontrar o vínculo entre o que fomos, o que somos e o que seremos.¹

¹ Li num comentário bíblico que, quando no monte Deus revela o seu nome (“Eu sou aquele que é, que era e que será”), faz-se uma relação

Com uma advertência importante, porém. O problema verdadeiro e fundamental não é exatamente o da nossa sobrevivência (termo minimalista que já em si não é exaltante), mas, antes, aquele do nosso modo de olhar para o futuro. Não existe, aliás, um direito de nossas instituições à imortalidade; elas pertencem às realidades passageiras deste mundo, mesmo se anunciam as realidades definitivas do outro.

Em todo caso, queremos crer na estabilidade da vida consagrada em si mesma, pelo significado que tem nessa peregrinação no tempo, como imagem terrena dos bens futuros, bem como pela *via sanctitatis* desde sempre percorrida por ela e indicada pela Igreja e pelo *servitium caritatis* oferecido ao mundo, e nas várias formas que poderá assumir no tempo, mas sem atribuir a nós mesmos alguma patente ou direito de viver para sempre. O que hoje parece problemático, e até contraditório, é, antes, um certo modo de lamentar o passado que leva, automaticamente, a temer o futuro, contentando-nos com um presente sempre mais precário.

Vejamos com mais precisão.

Retrotopia: a nostalgia do passado

O estudioso polonês Z. Bauman, conhecido pelas reflexões sobre a sociedade líquida, na sua última obra

tríplice com o homem que toca passado, presente e futuro. Como algo (ou Alguém) que sana (o passado), estrutura (o presente), espera (o futuro).

descreve, de modo lúcido e pontual, o equívoco que a sociedade moderna está vivendo, ou seja, a *retrotopia*.² Trata-se de uma tendência, como uma “utopia retroativa”, a olhar para o passado de modo romântico e mítico, como se fosse um passado de ouro e nunca estivesse totalmente morto e, portanto, buscando e querendo encontrar nele aquele estímulo motivacional que o homem não encontra mais no presente e no futuro. O problema é que, na realidade, esse olhar retrotópico não nos permite ir em frente, exatamente porque voltado para trás, comprometido numa comparação certamente perdedora e talvez com a ilusão de restabelecer um passado que não existe mais, mas que exerce uma notável atração em tempos de desorientação como os nossos. Um passado percebido como tempo estável e confiável não pode não atrair diante de um futuro demasiado incerto e espantoso, ou diretamente pouco confiável e incontrolável.

Não é difícil colher consequências e componentes dessa “postura” estranha e não natural diante da vida, uma espécie de torcicolo intelectual e psicológico, ou de marcha a ré diante do futuro. Que envolve o homem comum e a sociedade hodierna, mas também quem deveria ter uma concepção ordenada do tempo, como de algo que caminha para o cumprimento de um projeto, de modos não necessariamente conhecidos por nós e imediatamente visíveis, mas segundo uma inteligência que guarda e orienta o tempo com vistas a um plano. Um crente – como o consagrado – professa tudo isso e até o anuncia, mas poderia depois

² Cf. BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Bari: Laterza, 2017 [trad. bras. por Renato Aguiar, Zahar, 2017].

não se aperceber de estar também ele condicionado por tal visão destorcida, sobretudo quando se trata de pensar, em tempos incertos como os atuais, no próprio futuro, o futuro da vida consagrada, do seu instituto, das obras nas quais se comprometeu por toda uma vida, da herança que recebeu dos outros e que agora deveria confiar não só a mãos seguras, mas a um futuro o mais possível seguro.

Em vez disso, o futuro, de hábitat natural de esperanças e expectativas legítimas, se transforma em sede de pesadelos que, mais ou menos discretamente, turbam e perturbam sonhos e expectativas da vida consagrada hoje: o pesadelo da carência das vocações ou da perda de certo espírito e da possibilidade de transmiti-lo às gerações jovens de chamados (que não há), o pesadelo da insignificância da sua presença e seu testemunho, o pesadelo desse verbo que figura sempre mais nas “ordens do dia” de tantos conselhos provinciais ou gerais: “fechar”, fechar obras, atividades, serviços que marcaram a vida de tantos consagrados, contribuindo para dar um rosto não só à Igreja, mas também a Deus para tantas pessoas. É o pesadelo não tanto da possibilidade de desaparecer como comunidade e instituto, mas de que um certo sonho, que entusiasmou o coração e multiplicou as energias, hoje não atraia mais algum sonhador, se ainda os há... O caminho do futuro parece assemelhar-se sempre mais estranhamente a uma senda interrompida, enquanto a vida consagrada parece falar com os verbos muito mais no passado que no futuro.

Então, é evidente que o olhar retrotópico (que em si já soa estranho) não só não nos permite seguir em frente,

mas está totalmente fora da realidade, porque nos bloqueia para essa idade de ouro – do ponto de vista dos números e de uma real eficiência operativa – que foi um certo passado, mas que agora seria ingênuo e anacrônico querer desenterrar, mesmo com toda a sedução que ele possa exercer, como possibilidade ilusória de fuga das angústias de um presente incerto e complexo.

Nós, ao contrário, somos chamados a viver *aqui e agora* com responsabilidade a nossa existência; comprometendo-nos *aqui e agora* para que o passado seja sem lamentos e o futuro sempre mais rico de promessas e de esperanças. “Este instante, todo instante, quando se torna o instante presente, é precioso e pede para abrir-se ao encontro: é precioso porque vai rumo a uma eternidade sem fim que lhe dá o sentido verdadeiro, cheio de vida”.³

Profecia: a coragem do futuro

Em sentido completamente oposto, porém, vai uma palavra como aquela que agora citaremos, pronunciada por um insuspeito professor de teologia, em tempos muito difíceis de compreender e de viver, quando certa imagem de Igreja, teoricamente saída fortalecida e renovada do Concílio, começava a sofrer os pesados ataques de um clima social-ideológico muito polêmico em relação a ela, em nome de um secularismo que parecia pôr de novo tudo radicalmente em discussão, não só dentro da Igreja mesma (com

³ MARTINI, C. M. *Le età della vita. Una guida dall'alba ao tramonto dell'avventura umana*. Milano: Mondadori, 2010, p. 204.

notáveis efeitos também sobre a imagem da vida consagrada). Naquele tempo, parecia realmente difícil ter a coragem de olhar para o futuro e, mais ainda, ousar ser otimistas. Eis a palavra:

Da crise hodierna emergirá uma Igreja que terá perdido muito. Ficarão pequena e terá de partir mais ou menos do início. Não estará em condições de habitar os edifícios que ela mesma construiu em tempos de prosperidade. Com a diminuição dos seus fiéis, perderá também grande parte dos privilégios sociais. Será uma Igreja mais espiritual, que não se arrogará um mandato político, flertando ora com a esquerda, ora com a direita. Será pobre e se tornará a Igreja dos indigentes. Será um processo longo, mas, quando todo o tormento tiver passado, surgirá um grande poder de uma Igreja mais espiritual e simplificada. Àquela altura os homens descobrirão que habitam um mundo de indescritível solidão, e tendo perdido Deus de vista, perceberão o horror da sua pobreza. Então, e só então, verão aquele pequeno rebanho de crentes como algo totalmente novo: o descobrirão como uma esperança para si mesmos, a resposta que tinham sempre buscado em segredo.

Assim escrevia em 1968 um jovem teólogo que tinha participado do Concílio (na qualidade de perito) e que estava participando muito ativamente, naquele tempo, de reflexão fecunda, ainda que um pouco contrastada mas batalhadora, que tinha feito depois. Trata-se de Joseph Ratzinger, o futuro Bento XVI.⁴

⁴ O texto citado é de uma entrevista a uma rádio alemã do teólogo J. Ratzinger, sobre o futuro da Igreja, que foi recuperada e publicada em espanhol pela revista de antropologia e cultura da Pontifícia Universidade Católica do Chile, *Humanitas* (<http://www.humanitas.cl>).

O texto é surpreendente pela lucidez e pelo rigor da análise, pela liberdade de perscrutar o futuro e por captar os sinais no presente (talvez nos faça intuir também o sentido profundo do gesto do Papa Ratzinger que renuncia). Sobretudo, porém, o que surpreende é a sua verdade. Hoje, depois de cerca de cinquenta anos desde quando foi expressa, devemos reconhecer que *essa profecia está de alguma maneira se verificando*. Sem dúvida na primeira parte, como dado histórico (negativo) que já está debaixo de nossos olhos, mas também quando indica uma perspectiva promissora para o futuro.

E não só para a Igreja, mas também para a vida consagrada, cuja vicissitude existencial podemos ler particularmente como o que aqui é dito da Igreja. Como não ver, de fato, nessa profecia, a parábola descendente/ascendente, uma espécie de morte e vida nova, segundo o esquema kénosis/exaltação tipicamente cristão, como chave de leitura ou profecia, para encontro da qual a Igreja está

O diretor da publicação, Jaime Antúnez, explicou, numa apresentação do n. 59 da revista, que se trata de uma reflexão desenvolvida em 1968 pelo jovem professor Ratzinger, então sacerdote e catedrático em Tubinga, com o título: “Sob qual aspecto se apresentará a Igreja no ano 2000?”. São os anos turbulentos da contestação estudantil e extraordinários, com o desembarque na lua, mas também das disputas sobre o Concílio Vaticano II, concluído há pouco. Ratzinger tinha deixado a turbulenta universidade de Tubinga e se refugiara na mais serena Ratisbona. Como teólogo, encontrava-se isolado, depois de ter rompido com os amigos “progressistas” Küng, Schillebeeckx e Rahner sobre a interpretação do Concílio. E foi nesse período que se consolidaram para ele novas amizades com os teólogos Hans Urs von Balthasar e Henri de Lubac, com os quais dará vida à revista *Communio*.

caminhando, antes de tudo, e particularmente aquela do Papa Francisco, com aquelas forças vivas e grandemente significativas que a representam no mundo, como é exatamente a vida consagrada?

É necessário, então, aprofundar os traços essenciais dessa profecia e da evolução histórica nos dois tempos que ela prevê, e como ela pode ser aplicada também à vida consagrada.